



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

VERÔNICA FARIAS SOUSA

**O COMÉRCIO DO SEXO: A PERIFERIZAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO E SEU
PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO NO BAIRRO DO TAMBOR EM
CAMPINA GRANDE – PB**

**CAMPINA GRANDE
2014**

VERÔNICA FARIAS SOUSA

**O COMÉRCIO DO SEXO: A PERIFERIZAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO E SEU
PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO NO BAIRRO DO TAMBOR EM
CAMPINA GRANDE – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado
ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia
da Universidade Estadual da Paraíba como
requisito para a obtenção do grau de
Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa

**CAMPINA GRANDE
2014**

S725c Sousa, Verônica Farias.

O comércio do sexo [manuscrito] : a periferização da prostituição e seu processo de territorialização no bairro do Tambor em Campina Grande– PB / Verônica Farias Sousa. - 2014.
39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa,
Departamento de Geografia".

1. Território. 2. Periferização. 3. Prostituição. I. Título.

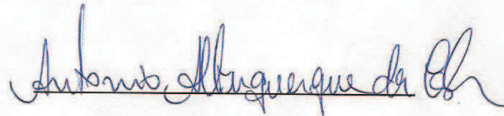
21. ed. CDD 910

VERÔNICA FARIAS SOUSA

**O COMÉRCIO DO SEXO: A PERIFERIZAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO E SEU
PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO NO BAIRRO DO TAMBOR EM
CAMPINA GRANDE – PB**

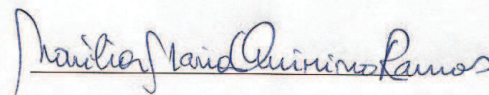
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia
da Universidade Estadual da Paraíba como
requisito para a obtenção do grau de
Licenciada em Geografia.

Aprovado em 11/12/2014



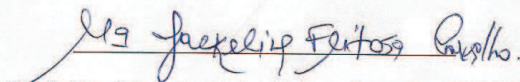
Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa / UEPB

Orientador



Prof^a. Ms. Marília Maria Quirino Ramos / UEPB

Examinadora



Prof^a. Dra. Maria Jackeline Feitosa Carvalho / UEPB

Examinadora

RESUMO

O presente trabalho analisa o processo de territorialização da prostituição no Bairro do Tambor, em Campina Grande – PB. Tendo como base o crescimento urbano e econômico, a cidade vivencia junto a esse processo a cristalização da atividade do sexo da sua área central à territorialização pelas periferias. No estudo foi realizada pesquisa bibliográfica, pesquisa exploratória e observação in loco dos territórios disputados pela prostituição no referido bairro. Ainda fazendo uso de entrevistas com as profissionais do sexo que atuam nessa atividade, principalmente na área em torno de um estabelecimento comercial posto de combustível que é ponto de chegada e saída de caminhoneiros, assim como de um antigo bar que recebia mulheres de várias partes da cidade e região para se prostituir, ora fechado. Foi possível observar que a prostituição também passou por mudanças nesse espaço, pelo fato de a área em estudo ser um território propício a tal prática. Dentre as transformações observadas está a extinção do principal espaço de reprodução da prostituição, (o Bar da Fofa) das profissionais do sexo e também dos travestis. Desse modo novos atores delimitam o espaço no entorno do Bairro do Tambor e passam também a vender seus corpos para finalidades bem distintas de outrora, como é o caso da troca do sexo pelo consumo de drogas.

Palavras – Chave: Território, Periferização, Prostituição

ABSTRACT

This paper analyzes the prostitution of territorial process in Tambor, in Campina Grande - PB. Based on the urban and economic growth, the city experiences with this process crystallization of the activity of sex from its central area to the territorial peripheries. In the study literature search was conducted exploratory research and on-site observation of the disputed territories prostitution in that neighborhood. Still making use of interviews with sex workers engaged in this activity, especially in the area around a gas station commercial establishment that is a point of arrival and departure of truck drivers, as well as an old bar that women received from various parts of city and region for prostitution, now closed. It was observed that prostitution has also undergone changes in this space, because the study area is an area conducive to the practice. Among the changes observed is the extinction of the main space of reproduction of prostitution, (the Bar of Bonbon) of sex workers and also of transvestites. This new actors so delimit the space surrounding the Tambor and are also selling their bodies for different purposes and of old, such as the exchange of sex for drug use.

KEYWORDS: Territory, skirting, Prostitution

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Antigo Cassino Eldorado (Década de 30).....	18
Figura 2 - Eldorado ocupado até recentemente por moradores de rua.....	19
Figura 3 - Desabamento do cassino Eldorado em 2014.....	20
Figura 4 - Avenida Assis Chateaubriand no turno diurno.....	21
Figura 5 - Vista frontal do estabelecimento comercial pelo antigo bar da fofa.....	21
Figura 6 - Área onde se localizava o bar da fofa em frente ao posto Tambor.....	25
Figura 7 – Estacionamento dos caminhoneiros.....	26
Figura 8 - Bar da Fofa (antigo ponto de prostituição).....	28
Figura 9 - Posto do tambor (espaço chave da prostituição na área).....	29
Figura 10 - Avenida Assis Chateaubriand (área comercial).....	29
Figura 11 - Imagem da Avenida Assis Chateaubriand (Bairro do Tambor).....	30
Figura 12 - Antiga estação ferroviária de Campina Grande.....	35

LISTA DE SIGLAS

CIPMAC

DST's

ONGs

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 UM RECORTE TEMPORAL SOBRE A PROSTITUIÇÃO.....	13
1.1 Territórios da prostituição na formação urbana de Campina Grande.....	14
1.2 O Bairro Mandchúria.....	17
2 AVENIDA ASSIS CHATEAUBRIAND: UM TERRITÓRIO DOMINADO PELA PROSTITUIÇÃO.....	21
2.1 Os pontos de encontro e reprodução da prostituição: o Bar da Fofa.....	25
2.2 O estabelecimento comercial (Posto Tambor).....	29
3 UM RELATO DOS ATORES DO MERCADO DO SEXO.....	32
4 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO OBJETO DE ESTUDO.....	34
4.1. Caracterização Geográfica do Bairro do tambor.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

A cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba presencia em seu território a existência de complexas relações e atividades dentro da sociedade. Vinculado a esse movimento dialético se insere a prostituição, uma atividade antiga, mas que com o decorrer do tempo passa por grandes mudanças em sua forma de atuação e reprodução. Dentre essas mudanças está seu caráter cultural onde no passado era considerada uma atividade dotada de uma simbologia de glória e glamour em épocas remotas, mas que posteriormente com a predominância da sociedade patriarcal passa a ser discriminada, por não fazer parte dos preceitos morais contemporâneos.

No início do século XX, a cotinucultura foi para Campina Grande a principal atividade responsável pelo crescimento da cidade, atraindo comerciantes de todas as regiões da Paraíba e de todo o Nordeste. Até a década de 1940, Campina Grande era a segunda maior exportadora de algodão do mundo, somente atrás de Liverpool, na Inglaterra. Em meio ao progresso comandado pelo algodão à prostituição também conhece seu período áureo em Campina Grande.

Estabelecer esse nexos histórico é importante para compreender que o espaço no Bairro do Tambor em sua totalidade configura territórios construídos e desconstruídos da prostituição, atenuando seus diversos significados e contextos, demonstrando ser um lugar de relevante atração para essa atividade. Pois, em atuação há mais de 20 anos, hoje área é cotidianamente disputada pelas modalidades de prostituição feminina e masculina.

Esse espaço em questão é reflexo de uma dinâmica que possui um caráter cíclico, com a área passando por momentos de usos diferenciados pelos diversos atores sociais existentes no Bairro do Tambor nos turnos diurno e noturno. É fato discorrer que os territórios da prostituição acompanham o desenvolvimento socioespacial da cidade, na qual os atores sociais que fazem do seu corpo uma mercadoria de valor de troca estão inseridos no processo de reprodução do espaço.

Diversas situações podem ser elencadas para refletir sobre esse contexto, tal como a problemática da exclusão social a que passam esses atores envolvidos com a prostituição já que muitas garotas (os) de programa recebem assistência social, a exemplo de entidades públicas e ONGs.

Com base no exposto a prostituição passa por um processo de periferização de sua atuação, deslocando-se para áreas distintas de sua atuação inicial, que sempre foi o centro da cidade, e isso se dá por uma gama de mudanças culturais e espaciais que ocorrem na cidade. Sua aproximação com determinadas atividades que possuem clientela específica e que acaba por formar um segmento atrativo para o mercado do sexo. Nesse sentido como área de estudo o Bairro do Tambor como área de estudo se insere na reprodução da prostituição enquanto um território fértil e cíclico.

O espaço urbano é complexo e disputado, refletindo a natureza social, dos diversos atores se apresentam enquanto classes sociais distintas. Portanto, um campo simbólico do cotidiano vivido dia a dia, uma arena de lutas do direito a cidade, tendo em vista diversos momentos de apreensão.

É no espaço que se verifica a formação e reprodução de diversas atividades, inclusive as ilícitas, que delineiam territorialidades como é o caso da prostituição como reflexo também de relações de poder. É com base na necessidade de entender essa complexidade do espaço urbano que justifica a execução dessa pesquisa.

Assim o presente trabalho tem por objetivo analisar a prostituição em seu processo de periferização e de territorialização para o Bairro do Tambor, em Campina Grande – PB. Para tanto se faz necessário compreender a dinâmica do espaço em questão dado o caráter cíclico e de conflitos que rodeiam esse objeto de estudo.

Buscando através de registros fotográficos, observações, entrevistas a confirmação da materialização de territórios que não se configuram apenas com as relações de poder exercidas em uma escala mais ampla, mas, sobretudo as várias territorialidades estabelecidas em escala menor que o espaço urbano permite identificar. Tais exemplos, como de uma calçada, um bar ou um posto de combustível¹, que delimitam as territorialidades analisadas nesse trabalho

O trabalho segue inicialmente com um delineamento de cunho teórico, apresentam aspectos históricos da prostituição em escala mais geral e local para posteriormente apresentar os resultados da pesquisa, tendo em vista as territorialidades da prostituição na área estudada.

¹ Como não nos foi permitido fazer fotografias ou mencionar o nome do posto decidi - se referenciar este local como “Posto do Tambor”.

A estruturação do trabalho se divide em quatro capítulos, tendo o primeiro a abordagem da prostituição em um contexto temporal com o seu surgimento e reprodução na área central de Campina Grande e a sua dinâmica atual. No segundo capítulo aborda-se a ocupação por parte dessa atividade da periferia e os diversos atores presentes nesse cotidiano no Bairro do Tambor.

No terceiro capítulo discute-se o relato dos atores do comércio do sexo, apesar das enormes dificuldades em coletar informações que seriam preciosas para enriquecer a pesquisa, onde foram feitos contatos com as prostitutas que fizeram história no local em estudo, com um caminhoneiro e principalmente com a antiga proprietária do bar da época de grande fervor da prostituição, conhecida por Fofa.

Por fim faz-se uma breve caracterização acerca do processo de desenvolvimento de Campina Grande e também do Bairro do Tambor, local que reflete o processo de periferação e territorialização da prostituição nas periferias. Por fim ficam as considerações para destacar os pontos que trouxeram resultados relevantes para a pesquisa.

1. UM RECORTE TEMPORAL SOBRE A PROSTITUIÇÃO

A prostituição é uma das mais antigas profissões do mundo. Tendo seu advento e sua ocupação respeitada e associada a poderes sagrados, visto que as prostitutas eram tratadas como deusas. Contudo, o surgimento da sociedade patriarcal fez essa atividade ter perfil restrito e as prostitutas passaram de “deusas” para “demônios”.

Na idade Média embora a prostituição fosse condenada, reprimida e censurada, a Igreja Cristã a tolerava, considerando que a mesma servia como “dreno”, existindo para eliminar o excesso sexual dos homens, do qual esse excesso impedia os mesmos de eleva-se ao patamar de Deus, assim para a Igreja a prostituição era considerada um mal necessário.

Ainda na Idade Média já havia pequenos bordeis, onde as meretrizes podiam exercer suas funções, porém, a liberdade sexual era apenas liberdade para homens solteiros, embora os homens casados sempre encontrassem meios de burlar as leis e ir ao encontro das meretrizes. As mulheres casadas e as suas filhas deviam temer a desonra, tendo assim sua liberdade sexual reprimida e censurada pela sociedade da época.

Nesse período a violência e a prostituição apareceram associadas, devido à disputa, brigas, embriaguez e assassinatos. Dessa forma as autoridades inclusive a Igreja, coibiram a prostituição por completa, entendendo que essa atividade produzia “um flagelo social”, causando sérios problemas à sociedade como um “castigo divino”.

Na modernidade a prostituição ganha aos poucos visibilidade e atuação na sociedade. O discurso sobre a prostituição ficou forte e virou debate médico e jurista. As prostitutas nesse período passaram a ser consideradas anormais patologicamente, criminalmente eram vistas como “sub-raças”, esgoto seminal, pouco evoluídas e incapazes de ser exemplo para a cidadania.

Para Nascimento, (2011) ao abordar a prostituição em Campina Grande no contexto da modernidade observa que

Juristas, letrados brasileiros e médicos, incorporaram discursos de famosos médicos e criminalistas europeus, numa tentativa de exclusão e criminalização das prostitutas, caracterizadas como incivilizadas, perigosas e desordeiras. Sendo assim, “o debate em torno da prostituição vai se tornar mais intenso não só por médicos, mas por todos aqueles que almejavam uma cidade disciplinar” (NASCIMENTO, 2011, p. 23).

Nos dias atuais o debate em torno da questão sexual passa por profundas mudanças, transformando os costumes. Todavia, a sociedade é ainda por demais conservadora e detém de fortes preconceitos contra os (as) profissionais do sexo.

1.1 Territórios da prostituição na formação urbana de Campina Grande

Campina Grande no início do século XX passou por transformações em sua estrutura socioespacial em virtude da necessidade de execução de um projeto de higienização e modernização estética da cidade. Fruto de constantes apelos da classe intelectual isso tornou visível a questão da prostituição. Nascimento afirma que,

As mudanças que transformaram as cidades vieram acompanhadas também de mudanças nos hábitos, nas relações sociais e culturais das pessoas. Campina Grande, entre os anos 1930 e 1950 também passa por mudanças, com suas especificidades de cidade do interior do Nordeste e elas, entre outras coisas, visavam modificar o aspecto do centro da cidade, onde existiam várias ruas labirínticas, becos e esgotos a céu aberto, o que não correspondia, para as elites campinenses, aos foros de civilização e progresso que Campina deveria ostentar (NASCIMENTO, 2011, p.1)

SOUSA (2009, p.290,) aponta que:

Desde a segunda metade do século XIX, algumas capitais e cidades brasileiras vinham experimentando mudanças estéticas, higiênicas e sanitárias, especialmente suas ruas e áreas centrais. Essas experiências se inspiravam na medicina social e foram articuladas em torno do ideário de civilização e progresso comum em países como França e Inglaterra.

As idéias modernas chegam a Campina Grande por meio de uma elite letrada que reproduz valores europeus e tenta apagar os vestígios provincianos presentes na cidade tal como podemos perceber que:

A prostituição em Campina Grande tornou-se um problema para os letrados da cidade no final dos anos 1920 e início dos anos 1930. A área central da cidade, que era composta praticamente pela Rua Grande, Venâncio Neiva e Emboca², eram áreas de constantes denúncias dos nossos letrados, visto a cidade estar crescendo e, em certa medida, se “modernizando”, por isso

² A Rua Grande virou Maciel Pinheiro; a Venâncio Neiva era mais estreita e sinuosa, com inúmeros becos e casinhas populares, com algumas casas comerciais e de couro e um esgoto a céu aberto ficando popularmente conhecida como “beco do mijo ou da merda” ; a rua do Emboca virou Peregrino de Carvalho, e era habitada por populares e pensões de meretrizes. Sobre estas ruas na década de 1920 ver a tese de SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. de, op. Cit., p. 27-28.

mesmo não poderia existir em pleno centro da cidade algo tão “repugnante” como as “caixas de fósforos” e o “exibicionismo” de meretrizes “de baixo calão”. Para o articulista do Brasil Novo³, “aquilo se tolera em subúrbio, não no centro de uma cidade como a nossa”. Daí a necessidade de se transferir àquelas mulheres para um local mais afastado, onde suas “vestes porcas e imundas” não incomodassem a visão e o olfato de homens e mulheres que queriam respirar e sentir “ares modernos” (NASCIMENTO, 2011, P.2).

Devido ao caráter patriarcal a sociedade campinense repudiava a prostituição e não suportava o convívio entre as “pessoas de bem” e as prostitutas, os Cabarés que se localizavam na Rua do Emboca, junto a feira e ao comércio da cidade foi deslocado para a Rua 4 de outubro (atual Jovino do Ó), permanecendo nesta rua entre os anos 1920 e 1930, mas afastado das vistas das famílias campinenses. Apesar da mudança de endereço o termo “Roi Couro” como era designado pejorativamente, a Rua dos cabarés em Campina Grande acompanha essa atividade no endereço, tal como mostra Nascimento (2011):

Durante todos os anos 1920 o local onde se concentrava o maior número de prostitutas e casas de pensão em Campina Grande era a antiga rua 4 de Outubro, atual Major Juvino do Ó⁴, mais conhecida popular e sugestivamente como “Rói Couro”. Era uma das ruas centrais da cidade que ficava relativamente próxima as ruas mais freqüentadas pelas elites, como a rua Grande por exemplo. Essa proximidade incomodava, especialmente porque as mulheres circulavam e se exibiam muito próximas as “famílias de bem” e repugnavam os letrados, fazendo com que eles carregassem nas tintas e pedissem insistentemente para as autoridades a transferência do meretrício daquele local para um mais afastado (NASCIMENTO, 2011, p. 8)

Na concepção conservadora da sociedade campinense a prostituição era tratada como caso de polícia, tal como pontua Câmara (1998, p.96) ao afirmar que em 1920 “o

³ Brasil Novo, op. Cit., p 06

⁴ O Major Juvino do Ó era um grande proprietário de terras da cidade que conseguiu esta patente com muitos contos de réis e bastante influência. Foi praticamente o construtor de toda a rua que leva seu nome e deve ter ficado inconformado com a alcunha que ela recebera dos populares. Mesmo mudando o nome da rua para 4 de Outubro, os populares continuavam a chamá-la de “rói couro”, mesmo depois da transferência da zona de meretrício para a região dos currais. Sobre as propriedades do Major Juvino do Ó ver Donato, Eronides Câmara. Identidade, Identidades: Um Estudo sobre os Trabalhadores do Serrotão - Campina Grande. Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural, UFPB, Campina Grande, 1995; sobre a rua que leva seu nome ver “Ruas de Campina: Jovino do Ó”, suplemento Tudo do jornal Diário da Borborema, 06/11/1983; e tese de SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. de, p. 22-23.

meretrício foi também localizado pela polícia na Rua Jovino do Ó, chamada de Roi Couro.

Isso é relatado por Nascimento (2011), onde importantes vias do comércio campinense na atualidade, como era o caso da Rua Jovino do Ó eram no passado durante os anos 1920 e 1930 um espaço delimitado pela prostituição na cidade.

Porém o crescimento da cidade aproxima este novo endereço da prostituição do centro da cidade, que modernizando admitia menos ainda este convívio entre o disciplinamento moderno e a inadequação social das prostitutas, isto fez com que houvesse uma mudança imposta, para que as prostitutas fossem remanejadas para outras áreas distantes do glamour burguês onde a rua dos currais se tornou o novo episódio envolvendo as profissionais do sexo, pois este local (Manoel Pereira de Araújo) era uma área ainda marcadamente rural e pouco habitada, formada por pequenas casinhas e sítios cobertos de mato (NASCIMENTO, 2011, p. 8.).

A idéia de progresso e as novas concepções urbanísticas da modernidade se fizeram presentes em Campina Grande nos anos de 1940, quando em setembro deste mesmo ano o Prefeito Vergniaud Wanderley iniciou a mais espetacular reforma urbanística que a cidade conheceu. Não só abriu ruas e avenidas, mas também demoliu alguns quarteirões na área central reconstruindo - os em art déco, transformando a cidade a partir das idéias e da estética modernista.

Para Costa (2003) esse processo afetou os prostíbulos e também a elite local, de caráter conservador. Diante desse contexto a sociedade campinense, na época de tradição fortemente patriarcal, teve por objetivo afastar as meretrizes da área central da cidade, visto que representavam o glamour da época modernista na cidade.

1.2 O Bairro Mandchúria

O Bairro dos Currais para onde haviam sido transferidos os cabarés da cidade em 1931, recebeu também a feira de gado em 1939 e em janeiro de 1941 a feira de cereais ao lado do Mercado Central ainda em construção. Essa área se tornou um ambiente boêmio de diversões noturnas, denominado Bairro da Mandchúria.

A cidade nos anos de 1930-1945 estava envolvida em um ambiente de muita boemia. O bairro chinês ou Mandchúria⁵ (atual Mercado Central) foi marcado na memória da cidade como uma área *marginalizada* onde havia muitos prostíbulos, pensões⁶, cabarés, bares onde frequentavam meretrizes e clientes atrás de prazer, que também era também ambiente de muita confusão e assassinatos, principalmente nas imediações da Rua Manoel Pereira de Araújo.

É exatamente nesse bairro onde se localizava o centro pulsante da zona do meretrício das regiões Norte e Nordeste o Cassino Eldorado⁷, localizado na Rua dos Currais⁸. Capaz de atrair as grandes elites da época para o seu interior, em especial os coronéis do algodão e grandes latifundiários da época (décadas de 1930 e 1940) onde estes consumiam e tinham as mais belas e caras meretrizes da cidade e região, (figura 1).

Para Costa (2003, p.110), Foi nesse local que o meretrício viveu os seus anos de glória, com o famoso Cassino Eldorado que entre os anos de 1937 a 1941 foi exemplo de ostentação da riqueza que circulava pela cidade.

⁵ O termo Mandchúria que faz alusão ao território chinês, passou a designar o bairro onde se localizou o meretrício campinense, no entanto no linguajar popular termo foi convertido em manichula e passou a ser sinônimo de baixo meretrício na cultura local, (COSTA, 2003, p. 110).

⁶ A Manoel Pereira de Araújo e suas adjacências foi sem dúvida um dos locais mais freqüentado por prostitutas, populares, desocupados de todos os tipos e boêmios de classe média e alta. No auge da produção algodoeira ali existiam as melhores pensões de “mulher-dama” de Campina Grande, como a Pensão Moderna, de Zefa Tributino, que havia transferido sua pensão da rua do “Rói Couro”, para a “Rua das Panelas”, próximo à Vila Nova da Rainha, “devido ao desenvolvimento do negócio e da grande afluência de clientes e funcionárias” (SOUZA, 2005, p.4).

⁷ *Cassino Eldorado* despertava os sonhos da juventude que ficava sabendo, por ouvir falar, da exibição de artistas, cantores, dançarinos, músicos e, principalmente, das lindas e divinizadas mulheres que desfilavam por seus salões com deslumbrantes vestidos inspirados na última moda parisiense (SOUZA, 2005, p.4).

⁸ O Eldorado ficava situado no centro da Rua dos Currais, a quinhentos metros mais abaixo da Pensão Moderna, e a sua inauguração acabou por ofuscar bastante a vida noturna das outras pensões ali instaladas, (SOUZA, 2005, p.4).

Figura 01: Antigo Cassino Eldorado nos anos 1930.



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande, 2014

Esse período fazia parte da agenda dos homens com respaldo político na região que tinham condições financeiras favoráveis, e como explica Souza, A maioria dos homens que vinha a Campina Grande negociar com o algodão durante o dia, ansiava também pela possibilidade de, à noite, se encaminharem para certas áreas da cidade onde existissem bebidas, músicas, danças, jogos e mulheres, (SOUZA 2005,p.3,).

No entorno desse Cassino luxuoso se concentravam os cabarés e prostíbulos de pequeno porte, onde seus frequentadores eram homens (casados e solteiros) que tinham poucas condições financeiras para adentrar no Eldorado e se contentavam com as meretrizes de baixa renda, especificamente aquelas que não tinham tanto a oferecer aos clientes elitistas.

O Bairro Mandchúria era um território, que com o passar do tempo caiu em desuso, formado por ruas apertadas, becos e esquinas escuras caracterizando um território sem a expressão de outrora, pois a Mandchúria era formada por casebres no qual dispunha espaço com currais de gado. Nesse espaço se concentravam boiadas e negociantes, raparigas mal vestidas, marafonas, boêmios, cafetinas, gigolôs, além dos matagais, cavalos, burros e muito mau cheiro, considerado pela elite subúrbio e território marginalizado da cidade.

Os frequentadores da Mandchúria, que tinham sobrenome a zelar e dinheiro para gastar com muita farra, visitavam o Eldorado ou pensões de boa qualidade, já aqueles frequentadores que dispunham de poucos recursos financeiros, visitavam as pensões que não havia um mínimo de higiene e ficavam com prostitutas pobres às quais só podiam pagar até mil réis.

Os jovens sem recursos e os trabalhadores braçais sonhavam ou idealizavam um dia entrar e poder usufruir das benesses do Eldorado, dada à notoriedade do cassino, como afirma Souza (2005 p.5,). Havia temporadas que não restavam mesas, estando todas reservadas, principalmente por políticos e grandes empresários exportadores de algodão.

Para o autor acima citado, aquele ambiente era exclusivamente dos adultos ou mais precisamente dos homens que tinham dinheiro para gastar com o luxo existente no Cassino, o que criou uma hierarquia socioeconômica no que tange ao seu acesso para usufruto das meretrizes do cassino.

O Eldorado, como as muitas pensões no decorrer do final do século passado perderam seu significado em razão das mudanças ocorridas na área da Feira, e também por outros fatos⁹ que ocasionaram o remanejamento das atividades da prostituição para outras áreas da cidade.

Conforme afirma Moraes (1985) *apud* Costa (2003, p. 111) a partir de 1942 o Eldorado começou a apresentar sinais de decadência. Hoje o prédio que simbolizou o apogeu do ouro branco em Campina Grande está bastante deteriorado, situado na Rua Manoel Pereira, onde funciona a feira de galinhas.

O que antes era um território dominado pela prostituição com o tempo passou a ser dominado por pessoas carentes, que não tendo condições de ter uma moradia passaram a ocupar o antigo cassino (Figura 2).

Figura 02: Eldorado ocupado até recentemente por moradores de rua



Fonte: Rafael Melo/G1.com, acesso em 2014

⁹ A prostituição na área da Feira foi uma atividade muito intensa e lucrativa entre o final dos anos 1930 até meados dos anos 1940. Contudo, após a 2ª Guerra Mundial com a saída de alguns contingentes militares que estavam sediados na cidade, aquela área entrou em decadência e a as “pensões de mulheres” se transferiram, em parte, para a região conhecida como “Boninas”, onde pontificaram nos anos 1950 e 1960, prolongando suas atividades até os anos 1970, mas sem o mesmo “encanto” ou “glamour” que lhe era atribuído nos anos anteriores, (SOUZA, 2005, p.4).

Recentemente parte de sua estrutura desabou, levando consigo a sua história e também a falta de sensibilidade por parte do poder público que fechou os olhos e não evitou que tal fato ocorresse, (Figura 3).

Figura 03: Desabamento do cassino Eldorado em 2014



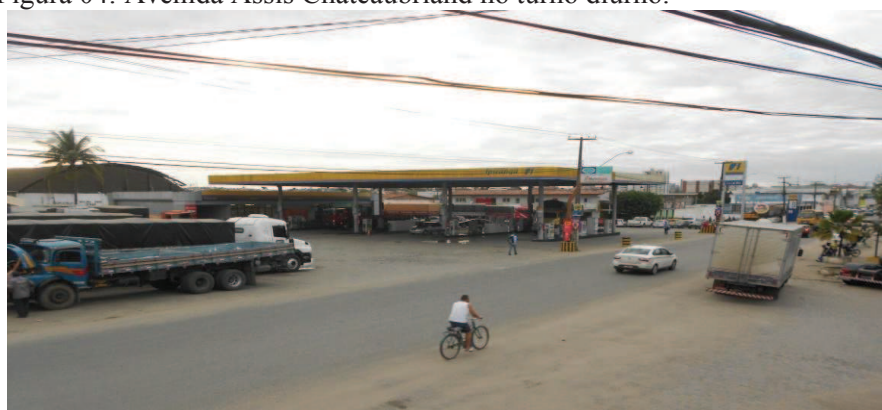
Fonte: Rafael Melo/G1.com acesso 2014

Em meio aos becos sem nomes, ruas com nomes diversos, travessas de nomes arrevesados, casas sem números, pessoas sem sobrenome (utilizavam apenas apelido), assim o queriam. Aí também era o lugar certo de centenas de prostitutas, prostíbulos e de frequentadores de várias classes sociais que tinham no Eldorado sua forma cotidiana de viver intensamente suas vidas.

2. AVENIDA ASSIS CHATEAUBRIAND: UM TERRITÓRIO DOMINADO PELA PROSTITUIÇÃO

A Avenida Assis Chateaubriand, bairro do Tambor, nas imediações do Bairro do Tambor (figura 4) verifica-se a concentração de diversas atividades comerciais a exemplo de postos de combustíveis, oficinas de automóveis e caminhões, lanchonetes, bares, farmácias entre outras atividades. Durante o horário diurno verifica-se o fluxo de pessoas que trabalham nesses pontos comerciais, como também pessoas que necessitam desses serviços e que se deslocam pela via.

Figura 04: Avenida Assis Chateaubriand no turno diurno.



Fonte: SOUSA; Trabalho de campo, 2014

Porém no período noturno (Figura 5) essa área cede espaço para uma atividade específica, a prostituição. Essa atividade geralmente é percebida no entorno dos postos de combustíveis onde, ao anoitecer, os caminhoneiros estacionam seus veículos para o descanso. É nesse momento que as prostitutas, que em sua maioria moram no Bairro vão ao encontro dos caminhoneiros para pular carreta¹⁰.

Figura 05: Vista noturna frontal do estabelecimento comercial pelo antigo bar da fofa.



Fonte: SOUSA, Verônica Farias; trabalho de campo, 2014

¹⁰ Termo usado pelas prostitutas para indicarem que vão fazer um programa sexual.

Percebe-se que, o espaço urbano mesmo nas suas micro-escalas apresenta características de fragmentação, articulação, reflexo e condição social. Pois é fragmentado porque é assimilado por diferentes usos, apresentando um mosaico de áreas com usos e conteúdo sociais diferentes.

Nesse contexto percebe-se o quanto o espaço urbano é disputado e reflete a natureza social, apresentando classes sociais distintas. O espaço urbano é um campo simbólico do cotidiano vivido dia a dia, uma arena de lutas do direito á cidade, tendo em vista diversos momentos de apreensão, como no dizer de Santos (1999) O espaço geográfico é de todos, é o espaço banal. É nesse espaço que se verifica a formação de diversas atividades, inclusive as ilícitas como a prostituição.

Categoria geográfica de importante base para investigação da pesquisa o território reflete de forma clara a necessidade de controle do espaço por parte daqueles que o percebem como um meio para a sua reprodução física e social. Em se tratado de território Souza, (1995, p. 81) observa que,

[...] territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p.ex., uma rua) à internacional (p.ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte-OTAN).

Entende-se dessa forma que a atividade da prostituição ao ocupar uma determinada área, podendo ser uma rua, uma quadra ou outro espaço público, apresenta-se como um território, que pode ser construído e desconstruído, num determinado período do tempo. Essa demarcação do território¹¹ pela prostituição acontece de forma simbólica, invisível nas ruas e demais espaços delimitados por essa atividade.

Haesbaert (1997), corroborando Souza (1995), concebe o território como espaço dominado e controlado politicamente, a partir de relações de poder. Entretanto, a essa dimensão mais concreta o autor acrescenta outra simbólica e afetiva. O território seria, dessa maneira, um espaço apropriado tanto material quanto imaterialmente, dotado de significado e sentido,

¹¹ Conceitua-se os Territórios da Prostituição como a apropriação, durante um certo período de tempo, de uma rua ou um conjunto de logradouros por um determinado grupo de prostitutas, michês e travestis, que através de uma rede de relações, da adoção de códigos de fala, expressões, gestos e passos, garantem e legitimam essas áreas como territórios para a prática de tal atividade, estruturada, outrossim, através da violência explícita, principalmente entre as prostitutas e os travestis que utilizam, entre outros, objetos cortantes para defender seus "pontos" contra aqueles que tentam invadi-los. No caso dos michês, atos simbólicos, como o gestual de sua virilidade, o órgão genital seguro nas mãos, entre outros, constituem-se nos códigos utilizados para atrair a clientela, em seus próprios territórios (RIBEIRO e MATTOS, 1996, P.5).

sendo que as representações enquanto imagens do espaço configuram também instrumentos de poder, servindo de guia de ação na instalação e/ou manutenção de territórios (HAESBAERT (1997) in SOUZA (1995) apud FIGUEIREDO, 2009, p. 13).

Nesse sentido, Haesbaert (2002, p. 121) afirma ser o território,

“[...] Produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou o controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados.” (Haesbaert (2002, p. 121) apud Figueiredo, 2009, p. 13).

Portanto, compreende-se que o espaço torna-se um território quando este através da comunicação e do poder dos seus possuidores (prostitutas, travestis e clientes), ocupa esse espaço para tal exercício de sua efetiva finalidade.

As territorialidades se dividem,

Enquanto um conjunto de atividades e práticas através das quais se criam os territórios, Campos (2000, p. 28) ressalta estarem às motivações para a sua definição relacionadas às formas de uso, organização e significado que o espaço de vivência de um grupo assume em diferentes momentos. Para a autora, a territorialidade traduz, ao mesmo tempo, “expectativas particulares interiores aos grupos – prazer, necessidade, contingência, obrigação, ideologia – como também exteriores a eles – funcionais, simbólicas, sociais, físico-ambientais, sócioeconômicas” (Campos (2000, p. 28, apud Figueiredo, 2009, p. 16).

Trata-se de uma relação de poder a relação dos profissionais do sexo com o seu território¹², protegendo este de ocupações ou disputas outros mercadores do sexo. Estes profissionais para delimitar seu espaço procuram utilizar-se de gírias (que são seus códigos de fala), e também fazem uso de violência na maioria das vezes verbal, chegando às agressões físicas.

Souza (1995, p. 109 – 110) colabora com essa afirmativa ao dizer que:

Em todos os casos os atores se verão confrontados com necessidades que passam pela defesa de um território, enquanto

¹² O território seria, dessa maneira, um instrumento de poder, suscitando questões como “quem domina ou influencia quem nesse espaço, e como” (SOUZA, 1995, p. 78-79).

expressão da manutenção de modo de vida, de recursos vitais para a sobrevivência do grupo, de uma identidade ou de liberdade de ação.

O mercado da prostituição caracteriza-se como uma relação de poder dentro do espaço, visto que os profissionais do sexo têm como objeto de troca a comercialização de seu corpo, se objetivando assim ser negociante e mercadoria ao mesmo tempo, utilizando-se de espaços para a realização dessa troca de favores e ao mesmo tempo garantindo essa dominação ao defender seu território.

Nesse sentido Campos *apud* Figueiredo (2009, p. 16) afirma que a territorialidade humana possui,

Três “elementos básicos fundamentais” que se constituem em “formas de expressão de poder; identificação simbólica do território para seus componentes e formas de comunicação de cada territorialidade com o exterior”. Quanto ao primeiro elemento, Campos chama a atenção para o fato de estar a territorialidade intimamente relacionada ao poder, já que se inscreve num campo de relações sociais, as quais representam sempre expressões de força e potência. Nesse sentido, a territorialidade seria a “expressão geográfica primária de poder social, através da delimitação e afirmação do poder de determinado grupo sobre o território”.

Raffestin nos assevera explicando que,

Nesse caso, o espaço se torna um território desde que seja tomado por uma relação social de comunicação, onde seus atores (prostitutas, michês¹³ ou travestis, bem como eventuais clientes) se concentram e vivenciam-no em um determinado período de tempo. Isso porque a territorialidade reflete "a multidimensionalidade do 'vivido' territorial pelos membros de uma coletividade" (RAFFESTIN, 1993: P. 158 *apud* RIBEIRO e MATTOS, 1996, p.4).

A afirmação de domínio dos grupos que vendem seu corpo nas imediações do Bairro do Tambor retrata bem esses discursos, pois precisam delimitar seu espaço para garantir o acesso aos seus clientes e assim reproduzirem suas atividades.

¹³ O termo “michê” é utilizado para designar um tipo específico de homem que se prostitui com uma auto-imagem e representação ligadas à masculinidade e virilidade, (PERLONGHER, 1987 *apud* ANDRADE e Teixeira 2004, p.3).

Fundamental nesse processo está à identidade existente entre o sujeito em ação no espaço delimitados por esses atores e demais agentes da coletividade que comungam ou disputam o poder territorial nessa área em questão, se inserindo nesse contexto, prostitutas, garotos de programa e os travestis, por ali ser o ponto de referência para encontrá-los.

A Avenida Assis Chateaubriand especificamente na área localizada no bairro do Tambor, Município de Campina Grande há mais de 20 anos vem se predominando e ainda há até os dias atuais a atividade da prostituição, em dois pontos distintos: Um bar (Bar da Fofa) próximo da avenida e um posto de combustível (Posto Tambor) (Figura 6).

Figura 06: Área onde se localizava o Bar da Fofa em frente ao Posto Tambor.



Fonte: SOUSA; Trabalho de campo, 2014

Vale salientar que o bar mais conhecido como “bar da Fofa”, não funciona mais desde 2010, devido às condições de saúde da ex-proprietária, mas as histórias deste local e as prostitutas que ainda estão na ativa fornecem preciosas informações de como funcionava o Bar durante o período.

2.1 Os pontos de encontro e reprodução da prostituição: o Bar da Fofa

A proprietária do bar¹⁴, conhecida por **FOFA** e que ainda hoje permanece morando no bairro do Tambor próximo ao bar, na época estava separada e precisava

¹⁴ O bar da Fofa se localizava na Avenida Assis Chateaubriand, Bairro do Tambor em Campina Grande e ficava em frente ao posto de combustíveis da mesma localidade, tornando-se um ambiente propício para a ocorrência da prática da prostituição nessa área. Era o local preferido dos caminhoneiros quando durante a sua folga estando de passagem pela cidade, iam passar a noite dentro do bar junto com as prostitutas e consumindo bebidas e tira-gosto. Durante os anos 1980 e 1990 experimentou o seu auge enquanto estava em funcionamento.

criar seus filhos. Então abriu o bar, onde recebia adolescentes e mulheres de vários bairros e cidades do interior do Estado.

A maior parte dessas mulheres chegava ao bar porque tinham sido expulsas de casa, ou porque tinha perdido a virgindade ou engravidado, e seus pais em virtude da criação patriarcal as expulsavam de casa. Procuravam o bar, porque lá tinha refeições e hospedagem, que era cobrada da seguinte forma: durante o dia, trabalhavam no bar como garçonetes atendendo seus clientes, e também em outras atividades como lavagem das roupas dos caminhoneiros.

A noite funcionava de forma diferente: muitas, por ordem da proprietária do bar procuravam trazer seus clientes para o bar, onde eles jogavam e consumiam bebidas, cigarros e tira-gosto. Esses clientes eram os caminhoneiros, que geralmente ficavam em seus veículos de trabalho, (figura 7). Estas “meninas” eram comprometidas com a proprietária do bar a partir da aquisição de produtos como cigarros, roupas, alimentação e remédios.

A dinâmica do bar estava de acordo com o que assevera Costa, Silva e Nascimento, (2009, p.3) onde Geralmente localizados em zonas comerciais, os bares são abertos, sem o mesmo cuidado com a descrição e tem a exposição das profissionais do sexo como estratégia para a atração de clientes.

Figura 07: Estacionamento dos caminhoneiros



Fonte: SOUSA; Trabalho de campo, 2014

Os programas realizados no bar eram cobrados antecipadamente, para não haver “xexo”¹⁵ (termo usado por elas para indicar que o cliente não pagou pelo serviço

¹⁵ Souza menciona esse termo em seu trabalho como algo já corriqueiro onde, nos tempos dourados do cassino Eldorado muitos destes, por não ter dinheiro, tentavam cair nas graças de alguma das mulheres que ali trabalhavam ou mesmo passar-lhes um “xexo”, ou seja, sair sem pagar pelo ato sexual. Na maioria

executado). A proprietária oferecia um quarto, que tinha apenas uma cama e bacia com água para a higiene do casal, sendo mais caro do que no caminhão, e as prostitutas tinham que pagar a comissão à proprietária do bar pelo programa feito no estabelecimento e também os que eram feitos no caminhão. Tal situação demonstra a total exploração a que era imposta as prostitutas pela sua cafetina.

Alguns caminhoneiros pagavam a proprietária para alugar o bar, onde davam festinhas com direito a *Streep Teese*, onde as meninas eram escolhidas por estes e seus convidados. Havia muita bebida e churrasco e as prostitutas ao que se relatam, até então não tinham envolvimento com drogas ou outros tipos de atos ilegais.

Não havia fiscalização por parte das instituições públicas de proteção à criança e ao adolescente, já que a maioria das prostitutas era menor de 18 anos, o que vai de encontro com que determina o Estatuto da Criança e do Adolescente¹⁶.

A vizinhança reclamava com a proprietária, porque o som era muito alto, gerando incômodo e havia muita algazarra. Havia muitas brigas e rivalidade entre as prostitutas, na maioria das vezes por disputa de seus clientes preferidos, e estes se envolviam com mais de uma garota de programa.

Inexistiam programas de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejável. A doença que se conhecia era a gonorréia que todas chamavam de “gripe”. O farmacêutico conforme informado pelo próprio do bairro era quem cuidava delas, medicando-as com o remédio de sempre (Bezantacil).

A gravidez era frequente no cotidiano dessas garotas. Quando estas engravidavam, e as que não conseguiam abortar entregavam a criança para a proprietária a qual se encarregava de fazer a doação da criança.

das vezes, a segurança do Cassino as protegia ou elas apelavam para os seus amantes mais fortes ou que desfrutassem de algum tipo de poder na cidade. Segundo depoimentos de duas mulheres que trabalharam no Cassino Eldorado e na Pensão Moderna: “Naquele tempo não tinha essa história de calote não. Todo mundo pagava bem.” “O ato sexual custava dois mil réis. Dava pra fazer uma feira e ainda sobrava.” (Souza, 2005, p.6)

¹⁶ Art. 5.º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais, (BRASIL, 1990).

Algumas das mães dessas meninas procuravam por elas e a proprietária dizia que não prendia ninguém, as mesmas estavam lá por vontade própria, contudo muitas não podiam sair do bar, porque devia muito á proprietária.

No ano de 2006, por motivo de doença e problemas familiares, a proprietária do bar não possuindo condições de continuar seu negócio alugou seu estabelecimento para duas de suas funcionárias, as irmãs Maria José e Maria Lúcia.

A administração desse estabelecimento passou a ser bem diferente da anterior, pois estas proprietárias trabalharam apenas com o compromisso de levar seus clientes para o bar sem se comprometer com a garantia de aliciar as prostitutas dentro do estabelecimento. Com o falecimento de Maria Lúcia em 2009, Maria José entrega o bar que passa por várias pessoas, que não conseguem manter a demanda de funcionamento.

Com o fechamento definitivo em 2009, o Bar da Fofa ficou apenas na memória daqueles que viveram e conheceram essa história. A prostituição que hoje acontece no pátio do posto e na rua próxima está focada apenas no consumo de drogas.

Atualmente o bar não existe mais e hoje é ocupado para o funcionamento de uma borracharia, restando para os caminhoneiros e prostitutas a lembrança desse espaço que foi lugar de forte identidade e pertencimento socioespacial em suas vidas (Figura 8).

Figura 08: Antigo Bar da Fofa



Fonte: SOUSA; Trabalho de campo, 2014

Lugar de refúgio de garotas que se inseriram na prostituição, com o tempo os objetivos dessa atividade dessas garotas mudam junto com o fim do funcionamento desse bar. Para muitos populares que residem na área próxima ao antigo bar as lembranças de como ocorriam festas e também, no dizer deles (safadezas) acabaram por

deixar um vazio, já que esse ambiente fazia parte do cotidiano da localidade. Além disso, o bar era a ponte de ligação entre os caminhoneiros e as prostitutas, já que estes iam ao bar não só beber ou se alimentar, mas se envolver com as prostitutas do local, fato esse evidenciado pela proximidade do posto (local do repouso dos caminhoneiros) com o Bar da Fofa (local de encontro com as garotas).

2.2 O estabelecimento comercial (Posto Tambor)

Figura 09: Posto do Tambor (espaço chave da prostituição na área)



Fonte: SOUSA; Trabalho de campo, 2014

Este posto (Figura 09) se caracteriza na parte diurna como uma área de comércio intenso e de bastante fluxo de pessoas e veículos, oriundas de vários municípios. No pátio do posto, existem funcionários e seus “agregados” que são pessoas que trabalham descarregando os caminhões e carretas.

Esses fluxos são em parte condicionados pela importância da Avenida Assis Chateaubriand, artéria urbana de acesso a Campina Grande, por ser de ligação a uma rodovia federal, a BR – 104 e ao centro da cidade (figura 10).

Figura 10: Avenida Assis Chateaubriand (área comercial)



Fonte: SOUSA; Trabalho de campo, 2014

Localizado às margens da Avenida Assis Chateaubriand, o posto não só se caracteriza como local de proliferação da prostituição. Durante o dia há o

funcionamento de lojas de artigos para presentes e de autopeças, churrascaria, escritórios, mercadinhos, correspondente bancário entre outros serviços, além de ser ponto de parada de quem vem de outros municípios, (Figura 11). A noite se caracteriza como território da prostituição.

Figura 11: Imagem da Avenida Assis Chateaubriand (Bairro do Tambor)



Fonte: Maps, Google; Disponível em 2014

O fato de ser localizado em uma área de acesso para uma rodovia federal contribui para a instalação de serviços de atendimento aos caminhoneiros, clientela esta que contribui para proliferar a prostituição no Bairro.

O posto também é o mais procurado pelos motoristas de caminhões porque é nele que os mesmos podem trocar a carta-frete (espécie de vale, sem valor fiscal, que os caminhoneiros recebem como adiantamento pelo transporte de mercadorias). Os motoristas descontam o documento em postos de combustíveis que exigem que parte do valor seja gasto na compra do combustível. O posto cobra o valor integral da carta das transportadoras. A operação ocorre de forma integralmente informal.

Nas imediações do posto e ruas próximas, o movimento de caminhoneiros é bastante intenso na parte noturna, momento em que as prostitutas “pulam carreta” (termo usado por elas ao indicarem que irão fazer programa). A vizinhança reclama do barulho, em virtude da euforia de algumas garotas, mas também do sofrimento de outras que são agredidas

Essa troca no tipo de atividades dos dois turnos se caracteriza por territorialidade cíclica tal como colabora Souza (1995), ao afirmar que,

Durante o dia as ruas são tomadas por outro tipo de paisagem humana, típico do movimento diurno das áreas de obsolescência: pessoas trabalhando ou fazendo compras em estabelecimento comerciais, escritórios de baixo status e pequenas oficinas, além de moradores das imediações. Quando a noite chega, porém, as lojas, com exceção dos bares e *nightclubs*, estão fechadas, e os transeuntes diurnos como trabalhadores ‘normais’, pessoas fazendo compras e os residentes do tipo que a moral dominante costuma identificar como ‘decentes’ cedem lugar a outra categoria de frequentadores, como prostitutas (ou travestis, ou ainda rapazes de programa) fazendo *trottoir* nas calçadas e entretendo seus clientes em hotéis de alta rotatividade. (SOUZA, 1995, p. 88)

Todo esse caráter cíclico como assim nos comentou Souza (1995) se concretiza em um território dominado por dois tipos de frequentadores: as pessoas que vão utilizar o espaço para realizar suas atividades comerciais durante o período diurno junto aos seus clientes, e outra categoria no período noturno, que se apropria do território no mesmo espaço antes ocupado pelas pessoas e atividades comuns que passa a ser ocupado pelos profissionais do sexo e outras práticas nem sempre lícitas.

Pois, possuindo códigos de comunicação própria, a exemplo da gíria para caracterizar seu território visto que muitos também não só fazem programa, mas também fazem uso de entorpecentes. “As meninas envolvidas com drogas são as que mais dão trabalho”, afirmou o vigia do posto. Isso porque elas roubam os seus clientes e a vizinhança para sustentar o vício.

Outra questão que chama atenção está no fato de o território dominado pelas prostitutas ser também disputado com os travestis. Preferidos¹⁷ por muitos caminhoneiros estes cobram mais caro do que as meninas.

Um ponto importante da pesquisa nessa localidade é que as prostitutas que sabem que estão contaminadas com o vírus da AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis por vingança furam o preservativo com o intuito de passar a doença para seus clientes.

Tantos os homens, quanto às mulheres recebem preservativos¹⁸ (camisinha masculina e feminina) de grupos de apoio a esse segmento, como é o caso da ONG

¹⁷ Pelo fato da prostituição feminina estar atualmente vinculada com o consumo de drogas, os caminhoneiros acabam por preferir e manter uma relação sexual mais limitada à prática do sexo oral com as mulheres, enquanto com os travestis vivem toda a sua aventura sexual, onde pagam mais caro pelo programa.

CIPMAC. Para não usar o preservativo os clientes pagam mais caro o programa, às vezes até o dobro, tornando a situação ainda mais grave tanto para as prostitutas, como para os próprios clientes, e também os companheiros (as) desses clientes. As que aceitam são garotas envolvidas com drogas, pelo fato de toparem tudo para adquirir dinheiro e comprar os entorpecentes para manter o seu vício.

O posto de combustíveis continua a servir de ponto de encontro entre aqueles que se prostituem fazendo programas e seus clientes, que são principalmente os caminhoneiros estacionados nesse espaço.

3. UM RELATO DOS ATORES DO MERCADO DO SEXO

A 1ª entrevistada:

Começou a se prostituir por conta depois de uma discussão com sua mãe, que a acusava de ser prostituta. Na época com 15 anos, ela chegou no “bar de Fofa” e o primeiro caminhoneiro que ela viu no balcão, perguntou se este se casava com ela e a levaria para longe. Este aceitou a proposta (esta ainda era virgem). No momento da entrevista faz 23 anos que está com esse caminhoneiro, porém ela ainda faz programa para sua sobrevivência.

A 2ª entrevistada:

Tinha 16 anos quando perdeu sua virgindade com seu primo, seu pai ao saber do que tinha acontecido a expulsou de casa. Morava em Boqueirão e sem ter para onde ir, encontrou abrigo no “Bar de Fofa”.

Fazia programas toda noite e durante o dia trabalhava como garçonete no bar, lavando as roupas dos caminhoneiros e passou ela 15 anos nesta atividade. Um de seus clientes a levou para o Rio Grande do Sul, onde se casaram e tiveram 2 filhos.

A 3ª entrevistada: conhecida por Zezé

Zezé (M^a José) relembra com muita saudade a época que foi mais feliz desde 1985, quando trabalhava no posto de combustível e fazia programas todos os dias.

¹⁸No posto e nas suas proximidades um grupo de jovens faz a noite um trabalho informativo e de prevenção contra as DST's através da CIPMAC – Centro Informativo de prevenção, mobilização e aconselhamento aos profissionais do sexo de Campina Grande – Paraíba.

Envolveu-se com três caminhoneiros e tem quatro filhos de pais diferentes, chegou a passar três anos só viajando com seus companheiros. “Foi à época de muita paixão, farra e dinheiro”, afirma. Hoje ela já não trabalha mais no ramo, pois toma conta dos netos e vive na casa do filho mais velho. Diz que gostaria de ser mais nova e poder fazer tudo de novo.

O caminhoneiro

Para o caminhoneiro, que exigiu para não ser identificado discorre que na área as mudanças não são apenas relativas a prática da prostituição, mas também em relação à venda e consumo de drogas, fato hoje recorrente entre os caminhoneiros, revelado pelo entrevistado. Ainda de acordo com o seu relato a droga vendida tradicionalmente era o Ribite (anfetamina que atua no cérebro como estimulante, tendo como consequência a perda do sono e dos reflexos), porém atualmente sua venda é mais frequente entre os caminhoneiros mais velhos, enquanto os mais jovens optam pelo consumo de cocaína¹⁹.

O relato acima de Zezé desconstrói a idéia que todas as pessoas que entram no mundo da prostituição foram de alguma forma forçadas, não restando outra opção e são infelizes. As respostas foram elucidativas para compreender melhor como era no passado e como se comporta as prostitutas em seu cotidiano. Tal estratégia adotada para colher essas informações foram possíveis, pois elas facilitaram pelo fato de não terem seus nomes expostos.

FOFA e sua relação com as prostitutas

Apesar das dificuldades em obter informações que pudessem trazer mais subsídios a pesquisa, foi possível colher algumas informações com a Antiga proprietária do Bar de FOFA que segundo a mesma não havia de fato uma relação de dominação por parte da mesma para com as garotas do sexo. Fofa afirma categoricamente que “aqui elas ficam por que quer e eu não tenho compromisso com nenhuma delas, não tenho nada a ver com isso”.

¹⁹ O uso de anfetaminas bem como de drogas mais nocivas a saúde, como é o caso da cocaína se reflete na necessidade desses caminhoneiros em chegar mais depressa ao destino da mercadoria que estão transportando, pois rodar várias horas seguidas sem descanso para aumentar seu faturamento pode trazer grandes riscos a sociedade, principalmente para quem trafega nas rodovias, fato bastante debatido na mídia atualmente.

Fofa de acordo com o exposto deixa claro que sempre procurou orientar as prostitutas a voltar para sua casa e ao convívio familiar, e que sempre procurou ajudar dando comida e abrigo quando se deparava com as meninas na porta do bar.

4. CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO OBJETO DE ESTUDO

A cidade de Campina Grande está situada a 120 km da capital do Estado da Paraíba, João Pessoa (“7°13’ 11” sul, “35°52’ 31” oeste, a 550m acima do nível do mar), na Serra da Borborema, o que lhe confere um clima agradável durante todo o ano. De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no ano de 2010, o município de Campina Grande possui uma população de 383.941 habitantes (BRASIL, 2010).

Campina Grande²⁰ hoje é conhecida como a cidade do forró por realizar durante o mês de junho o maior São João do mundo, e também como a Tech City, em virtude de a cidade ser uma referência em desenvolvimento de Software e de indústrias de informática e eletrônica.

Essa relação existente entre o algodão e a prostituição se dá pelo fato, que era comentado nesta pesquisa que os senhores do algodão ao final de sua jornada diária de comercialização do “*ouro branco*” na antiga estação ferroviária²¹ (Figura 12) da cidade iam aos bordéis da cidade, com destaque para o Cassino Eldorado, localizado na área

²⁰ A cidade de Campina Grande localiza-se no interior do estado da Paraíba, no Agreste paraibano, Está a uma altitude média de 555 metros acima do nível do mar. A área do município abrange 599,6 km². Campina Grande possui 385.213 habitantes (densidade demográfica de 594,18 hab/km²), segundo dados apurados pelo IBGE no censo de 2010. Em 1991 o Índice de Desenvolvimento Humano era de 0,647, subindo para 0,721 em 2000.

²¹ A primeira estação ferroviária de Campina Grande foi inaugurada em 1907, pela companhia férrea inglesa Great Western, como intento do então prefeito Cristiano Lauritzen, transformando nossa cidade no terminal da linha. Seu primeiro trecho, entregue em 02 de Outubro de 1907, interligava Campina Grande à linha Recife-Natal. Até a década de 40, a Estação Velha, como é conhecida hoje, foi o ponto de destaque no desenvolvimento econômico e cultural campinense. O transporte de produtos para outros portos do Brasil produzia um tráfego intenso de novidades e riquezas que aportavam influência na vida dos habitantes da região. Em 1957, quando se comemorava 50 anos da chegada do trem à Campina Grande, teve início a construção de uma nova estação ferroviária; buscava-se mais espaço para as manobras das máquinas e, conseqüentemente, a expansão dos serviços ferroviários locais. A nova estação fora inaugurada em 14 de Fevereiro de 1961, pela RFN - Rede Ferroviária do Nordeste (a mesma Great Western após ser encampada pelo Governo Federal, em 1950). Está edificada no Bairro do Centenário e sua arquitetura lembra o Colégio Lyceu Paraibano, de João Pessoa. Hoje, além do transporte de cargas, a imagem do cotidiano férreo campinense mais frequente é o Trem do Forró, durante os festejos juninos, onde os vagões transportam passageiros até o Distrito de Galante. (Retalhos históricos de Campina Grande, 2011, disponível em, 2014).

hoje conhecida como a Feira Central, que foi um espaço privilegiado pela elite masculina da cidade e região na época áurea do algodão em Campina.

Figura 12: Antiga estação ferroviária de Campina Grande



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande, – Acesso em 2014

Para Costa (2003, p.32) a inauguração da ferrovia em 1907 foi um dos acontecimentos mais esperados e marcantes para Campina Grande.

Esse período demarca o início do desenvolvimento econômico de Campina Grande, um momento chave para que a cidade com o advento da produção algodoeira se alavanque para o progresso econômico, pois nessa época Campina Grande tinha apenas oito ruas e pouco mais de mil habitantes em seu espaço. Com a efervescência de seu desenvolvimento urbano e econômico a cidade atingiu o status de ser um importante centro regional do Nordeste.

4.1. Caracterização Geográfica do Bairro do tambor

O bairro do Tambor está situado na zona sul do município de Campina Grande-PB, possui em torno de 7.031 habitantes, sendo 86% da população alfabetizada e de renda familiar de um salário mínimo (CAVALCANTE 2012 p.2). Seu acesso a Rodovia Federal BR – 104 tornando possível uma considerável proliferação de estabelecimentos comerciais e também de postos de combustíveis, que são um terreno fértil para reprodução da prostituição.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O histórico surgimento da prostituição em Campina Grande permeia sua estrutura social e econômica e acompanha seu crescimento urbano com o passar do tempo, proliferando-se para áreas periféricas como decorrência do crescimento do seu tecido urbano e da descentralização de suas atividades econômicas.

O bairro do Tambor enquanto uma área de acesso e chegada à cidade possui condições que permitem a ocorrência do comércio do sexo. É fato que a realidade existente na prostituição nessa área retrata aspectos distintos do passado, pois atualmente existem várias territorialidades, envolvendo não só as profissionais do sexo feminino, mas também do gênero masculino vendendo seu corpo em troca de dinheiro e também, principalmente para manter um vício que afeta a sociedade, que é o consumo das drogas.

O bar da Fofa foi um refúgio para as prostitutas e para os caminhoneiros, possibilitando o fácil acesso ao sexo, e seu fechamento impactou a quem dependia de sua funcionalidade na área. É válido destacar a relação dialética entre o desenvolvimento econômico de Campina Grande e o surgimento da prostituição nessa cidade. O comércio do “ouro branco” coexistindo com o cassino Eldorado e com os cabarés refletiu o antagonismo existente na época onde a prostituição no início do século XX desafiou a “moral” e os bons costumes “patriarcais” entre os costumes da sociedade tradicionalista nesse período.

Atualmente observa-se uma considerável mudança no comportamento apresentado pelos (as) profissionais do sexo no bairro do Tambor. A proliferação das drogas e também das novas doenças sexualmente transmissíveis coloca em risco a integridade e a vida desses profissionais.

Observa-se a existência de novas formas de reprodução da prostituição na área em estudo, surgindo os grupos formados também pelos travestis, os quais por serem diferenciados trazem certo incômodo às praticantes tradicionais da prostituição. Pode-se dessa forma afirmar que até mesmo o comércio do sexo ocorre hoje através de nichos de mercado.

Isso evidencia que a prostituição acaba por acompanhar o processo de crescimento e desenvolvimento da cidade, ao instalar e constituir territorialidades.

Resta destacar o importante papel de algumas organizações institucionais e voluntárias contribuírem para amenizar essa problemática, pois aquilo que se caracterizou como uma atividade para garantir a reprodução social desses atores sociais muda de foco e passa a ser pautada em boa parte pela manutenção do vício das drogas e do aumento alarmante das doenças sexualmente transmissíveis.

O crescimento da população e o espraiamento da cidade por uma área nova levam ao processo de descentralização das atividades presentes na área central de Campina Grande, fenômeno que passa a ocorrer também com o comércio do sexo na cidade.

REFERÊNCIAS

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.html.

[http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/02/in: Retalhos históricos de Campina Grande; nos tempos do eldorado.html](http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/02/in:Retalhos+hist%C3%B3ricos+de+Campina+Grande;+nos+tempos+do+eldorado.html).

[http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/10// Retalhos históricos de Campina Grande; estacoes-ferroviarias-de-campina-grande.html](http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/10//Retalhos+hist%C3%B3ricos+de+Campina+Grande;+estacoes-ferroviarias-de-campina-grande.html).

ANDRADE, Luciana Teixeira de. TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. **A territorialidade da prostituição em Belo Horizonte**. CADERNOS METRÓPOLE, N. 11, pp. 137-157, 1º sem. 2004.

CAMPOS, Heleniza Ávila. **Permanências e mudanças no quadro de requalificação espacial das cidades brasileiras: o caso das territorialidades do sexo na área central de Recife**. Território, Rio de Janeiro, n. 9, p. 25-43, jul./dez., 2000. Disponível em: <ftp://146.164.23.131/terr/N_09/v_9_campos.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2008.

COSTA, Daysse Bezerra. SILVA, Edil Ferreira da. NASCIMENTO, José Ulisses do. **O trabalho das profissionais do sexo em Campina Grande: a batalha da vida**, XV Encontro Nacional da Abrapso – 2009.

COSTA, Antônio Albuquerque da. **Sucessões e coexistências do Espaço Campinense na sua inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo**. 2003, dissertação de mestrado. UFPE.

Donato, Eronides Câmara. **Identidade, Identidades: Um Estudo sobre os Trabalhadores do Serrotão – Campina Grande**. Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural, UFPB, Campina Grande, 1995.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de **Territórios Promíscuos: a feira de Campina Grande (1920-1945)** Revista Vivência, nº 29, p. 289 – 304.

FIGUEIREDO, Roberta de Melo 2005. **Territórios noturnos de vidas “impuras”: Prostituição e Territorialidade Travesti em Governador Valadares – MG** Monografia.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250400&search=paraiba|campina-grande|infograficos:-informacoes-completas>

PERLONGHER, N. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo, Brasiliense. 1987.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. **Mandchúria: o bairro chinês de Campina Grande**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

RAFFESTIN, Claude (1993). **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Cidade e vida boêmia: um passeio pelos “maus costumes de Campina Grande”**. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: Geografia: Conceitos e temas. 12ª edição. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2009 p.75 -79 e 88.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.